

ESTRUTURA ECONÔMICA DO RIO GRANDE DO NORTE*

Aroldo de Azevedo**

O presente trabalho constitui uma visão panorâmica da economia do Estado do Rio Grande do Norte, com base nos dados constantes do Anuário Estatístico do Brasil, edição de 1959 e organizado pelo IBGE. Foi oferecido ao povo daquele Estado nordestino e aos responsáveis pelos seus destinos, ao ensejo da XV Assembleia Geral da Associação dos Geógrafos Brasileiros, reunida na cidade de Mossoró, em julho do ano corrente.

ALGUMAS COMPARAÇÕES

O Estado do *Rio Grande do Norte* ocupa modesta posição no panorama econômico nacional. E não poderia ser de outra forma, já que corresponde a somente 0,62% do território do país e, em 1950, congregava apenas 1,86% da população brasileira.

Entretanto, tudo isto é bastante relativo. Torna-se suficiente lembrar que, em área, é ele mais extenso do que nada menos de 20 países do Mundo; e poderá conter, sem maiores problemas e através do aproveitamento racional de suas terras, uma população de cerca de 5 milhões de habitantes, cinco vezes superior à atual.

Na verdade, países há que lhe são comparáveis pela extensão territorial: é o caso da Costa Rica, da República Dominicana, da Dinamarca ou da Suíça. Sua área é cerca de uma vez e meia mais extensa do que a dos Países Baixos ou da Bélgica; duas vezes a da Albânia ou do Haiti; duas vezes e meia a de El Salvador ou a de Israel; cinco vezes a do Líbano.

São fatos que precisam ser ressaltados: 1º – porque bem atestam, através de um único exemplo, a grandeza territorial e as imensuráveis possibilidades futuras de nosso país; 2º – porque servem para demonstrar as perspectivas promissoras que se oferecem para o Estado aqui focalizado, mesmo que sejam mais favoráveis as condições geográficas de alguns dos países citados, sabendo-se que outros existem (e Israel é o mais expressivo exemplo) em que tais condições são, evidentemente, inferiores sob numerosos aspectos.

Daí o interesse e, mesmo, a necessidade de conhecer sua atual estrutura econômica, para que os responsáveis pelos destinos da Terra Potiguar, com a ajuda de técnicos credenciados (entre os quais, os geógrafos não podem deixar de estar presentes), possam planejar com a indispensável segurança os rumos da administração no setor da economia, preparando o advento de dias melhores e de um desenvolvimento, que as futuras gerações não de agradecer.

O presente trabalho, na modéstia de sua apresentação, consiste numa desvaliosa contribuição em tal sentido. Que possa atingir esse alto e patriótico objetivo.

* O presente artigo foi inicialmente publicado no **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n.35, p.55-73, 1960. No presente texto foi atualizado, na medida do possível, a ortografia.

** Na época da publicação o autor era professor da USP. Detalhes sobre o autor pode ser visualizado em: LENCIONI, S. Aroldo de Azevedo: um geógrafo da Universidade de São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n.92, p.37-49, 2012.

A PRODUÇÃO AGRO-PECUÁRIA

Valor global – Na análise estatístico-geográfica, que pretendemos aqui realizar, utilizaremos os dados que figuram no *Anuário Estatístico do Brasil – 1959*, organizado pelo Conselho Nacional de Estatística, do IBGE, e publicado no ano corrente.

De acordo com essa publicação, em 1958, o valor da *produção agropecuária* do Rio Grande do Norte foi da ordem de 5 bilhões de cruzeiros, assim discriminados:

	Cr. \$ 1 000
Produção animal	3 227 218
Produção agrícola	1 801 676

Diante de tais cifras, uma primeira conclusão pode ser registrada: a *produção animal* ocupa lugar de especial destaque dentro da economia estadual, contribuindo com mais de 64% da riqueza agropecuária.

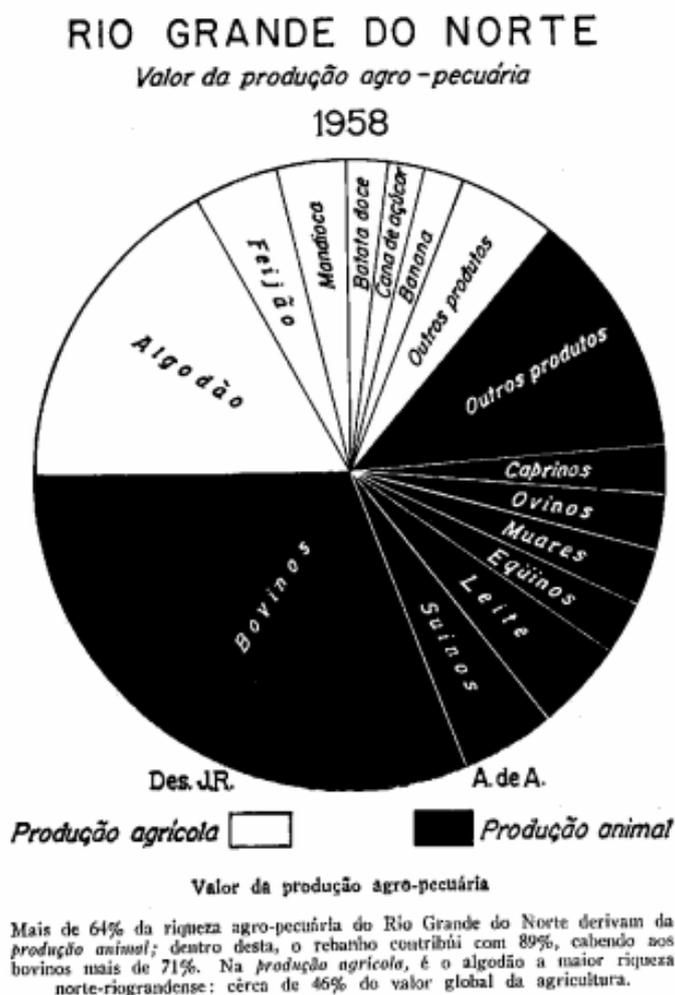
A produção animal – É o *rebanho* potiguar que assegura essa preeminente posição da produção animal. Foi calculado, em 1958, num total de 1.761.000 cabeças, avaliadas em mais de 2,8 bilhões de cruzeiros.

Sob o ponto de vista numérico, observa-se um certo equilíbrio em sua composição, aparecendo entre os mais numerosos os *bovinos* (475.000), os *ovinos* (396.000), os *caprinos* (366.000) e os *suínos* (298.000). Todavia – como é de se esperar – bem outra é a ordem, se levarmos em consideração o valor: os *bovinos* aparecem em posição de excepcional importância, avaliados em mais de 1,9 bilhões de cruzeiros, vale dizer, mais de 71% do valor total do rebanho norte-rio-grandense. Em posição secundária aparecem os *suínos* (265 milhões de cruzeiros), os *equinos* (149 milhões), os *tintares* (141 milhões), os *ovinos* (139 milhões) e os *caprinos* (123 milhões).

É o que pode ser constatado, ao examinar-se o seguinte quadro, referente a 1958:

	Cabeças	Cr. \$ 1 000
1. Bovinos	475 000	1 989 710
2. Suínos	298 000	265 671
3. Equinos	64 000	149 050
4. Muares	52 000	141 645
5. Ovinos	396 000	139 167
6. Caprinos	366 000	123 011
7. Asininos	110 000	69 795

Somente esse rebanho contribui com 89% da produção animal. Os restantes 11% repartem-se, quanto ao valor: na produção de *leite* (32,5 milhões de litros, avaliados em mais de 240 milhões de cruzeiros); na criação de *galináceos* (792 000 cabeças, 59 milhões de cruzeiros); e na produção de *ovos* de galinha (1,8 milhões de dúzias, 49 milhões de cruzeiros).



São esses os principais elementos que compõem a produção animal do Rio Grande do Norte, cujo valor, em 1958, foi superior a 3,2 bilhões de cruzeiros, o que corresponde – convém, desde logo, acentuar – a cerca de quatro vezes o valor da produção de algodão do Estado.

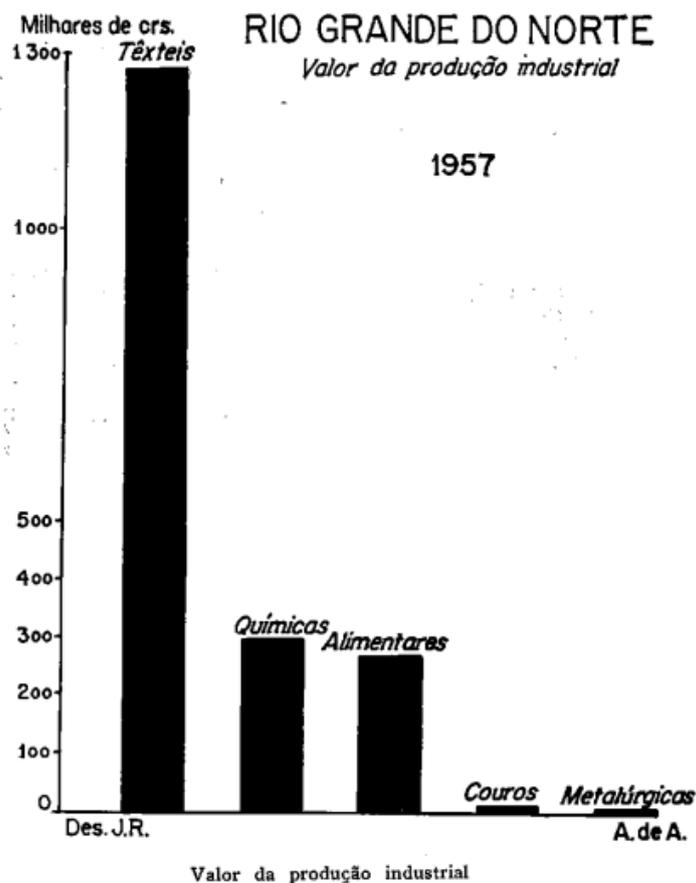
A produção agrícola – No conjunto da produção agropastoril norte-rio-grandense, cerca de 36% correspondem à *produção agrícola*, representada notadamente por 15 produtos, cujo valor foi superior a 1,8 bilhões de cruzeiros, em 1958

Inegavelmente, é o *algodão* a principal riqueza agrícola do Estado, havendo contribuído, em 1958, com nada menos de 854 milhões de cruzeiros, o equivalente a 46% do total fornecido pela agricultura. Em posição secundária, aparecem cinco outros produtos: o *feijão* (222 milhões de cruzeiros), a *mandioca* (177 milhões), a *batata doce* (122 milhões), a *cava de açúcar* (111 milhões) e a *banana* (101 milhões). Os demais são destituídos de importância econômica, apenas apresentando um relativo destaque o *milho* (75 milhões), o *agave* ou *sisal* (75 milhões) e o *coco da Bahia* (38 milhões).

Em 1958, foram os seguintes os produtos que mais se destacaram na agricultura do Rio Grande do Norte:

PRODUTOS	Área (hectares)	VOLUME (toneladas)	Valor (Cr.\$ 1 000)
1. Algodão	345 790	33 283	854 765
2. Feijão	51 113	16 910	222 620
3. Mandioca	22 558	124 417	177 551
4. Batata doce	8 464	57 950	122 638
5. Cana de açúcar ...	7 137	347 501	111 694
6. Banana	2 078	4 768 (*)	101 552
7. Milho	50 441	14 406	75 631
8. Agave	15 701	12 488	75 026
9. Côco da Bahia ...	2 074	11 256	38 546
10. Arroz	1 104	769	6 799
11. Laranja	136	6 746 (*)	6 253
12. Abacaxi	232	1 182 (*)	6 098
13. Mamona	740	331	1 925
14. Cebola	26	69	1 368
15. Fumo	126	43	1 186

(*) Banana: Milhares de cachos
 Laranja: Milhares de frutos
 Abacaxi: Milhares de frutos



Mais de 68% do valor da produção das cinco mais importantes indústrias do Rio Grande do Norte provêm das indústrias têxteis; e, dentro destas, o beneficiamento do algodão em pluma ocupa posição verdadeiramente ímpar: mais de 98% do seu valor total.

A PRODUÇÃO INDUSTRIAL

As indústrias de transformação – Depois da produção agropecuária, a segunda força econômica do Rio Grande do Norte é a *produção industrial*, entendida esta expressão em seu sentido mais restrito, isto é, a que resulta das indústrias de transformação.

Infelizmente, neste particular, deixam bastante a desejar os dados contidos no *Anuário Estatístico do Brasil* (1959), edição que estamos utilizando. As cifras gerais englobam, indistintamente, as indústrias extrativas e as de transformação, além de se referirem aos anos de 1956 e 1957. De outra parte, os dados concernentes aos diversos tipos de indústrias raramente dizem respeito ao ano de 1958 e, mesmo assim, são incompletos, pois apenas se referem aos estabelecimentos constantes do Registro Industrial.

Isto não impede, entretanto, que possamos avaliar a importância da *produção industrial* dentro do quadro econômico estadual e tenhamos uma ideia, provavelmente exata, da posição ocupada pelos principais tipos de *indústrias*, que lhe asseguram esse lugar de destaque.

São cinco os mais importantes tipos de indústrias do Rio Grande do Norte. Nesse conjunto, as *indústrias têxteis* ocupam excepcional posição; basta dizer que, em 1957, contribuíram com mais de 68% do valor global dos cinco, com um contingente da ordem de 1,2 bilhões de cruzeiros. Seguem-se-lhe, em lugar sensivelmente inferior, duas outras indústrias: as *químicas e farmacêuticas* (296 milhões de cruzeiros) e as *alimentares* (271 milhões). Em seguida, sem que lhes possa ser comparada, aparecem as indústrias de *couros e peles* (13 milhões) e as *metalúrgicas* (11 milhões).

As cinco reunidas garantiram ao Estado uma produção no valor total de mais de 1,8 bilhões de cruzeiros, vale dizer, uma cifra quase três vezes inferior à da produção agropecuária, embora represente – como já foi dito – a segunda força da economia potiguar.

Eis as principais características dessas cinco indústrias, de acordo com os dados referentes a 1957:

TIPOS DE INDÚSTRIAS	Estabelecimentos (unidades)	Operários	Produção (Cr. \$ 1 000)
1. Têxteis	46	1 118	1 268 068
2. Químicas e farmacêuticas	28	404	295 949
3. Alimentares	43	960	271 424
4. Couros e peles	—	—	13 435
5. Metalúrgicas	10	83	11 730

As indústrias têxteis – Sendo o Rio Grande do Norte um dos grandes produtores de algodão do país (o 6º, pelo valor da produção), nada mais natural que sejam as *indústrias têxteis* as mais importantes, dentro de seu modesto parque industrial.

Com efeito, em tudo é ela a maior: em o número de estabelecimentos, na quantidade de operários, no valor da produção.

Infelizmente, não dispomos de dados referentes a 1957 para analisá-la, como seria de nosso desejo. No entanto, de acordo com as cifras de 1956 (e acreditamos ainda aconteça), constitui o *beneficiamento do algodão em pluma* a principal atividade, nesse setor; será suficiente lembrar que, naquele ano, foi superior a 98% do valor total das atividades têxteis sua produção, num total de mais de 914 milhões de cruzeiros. O segundo lugar cabe, sem dúvida, à *fiação de algodão* (27 milhões, em 1956), aparecendo, no terceiro posto, a *tecelagem de algodão* (6 milhões, em 1956).

As indústrias químicas e farmacêuticas – Dentro da produção industrial potiguar, é este o grupo de indústrias que se segue ao dos têxteis, embora em posição evidentemente secundária. Em 1957, ocupou o terceiro lugar quanto ao número de estabelecimentos e de operários, mas destacou-se pelo valor da produção, que foi de cerca de 296 milhões de cruzeiros.

Também o algodão aparece como a grande matéria prima desse tipo de indústria. Com efeito, cerca de 80% do valor global das indústrias químicas derivaram da produção de *óleo de caroço de algodão*, cuja contribuição, em 1958, foi da ordem de 120 milhões de cruzeiros.

A indústria que se lhe segue, se bem que longe de lhe ser comparada, já se baseia em matéria prima derivada do extrativismo vegetal: trata-se da produção de *óleo de oiticica*, cuja contribuição foi de mais de 25 milhões de cruzeiros, em 1958.

Num modesto terceiro lugar, aparece a produção de *sebo*.

Isto sem falar na produção de *álcool-motor*, que foi de 296.000 litros, em 1958, mas a respeito de cujo valor o “Anuário” silencia. Em 1958, assim se caracterizaram as indústrias químicas e farmacêuticas do Rio Grande do Norte:

PRODUTOS	Toneladas	Cr. \$ 1 000
1. Óleo de caroço de algodão	5 368	120 045
2. Óleo de oiticica	1 557	25 666
3. Sebo	70	1 320
4. Óleo de côco babaçú	16	659
5. Gordura bovina	2	57

As indústrias alimentares – De acordo com as cifras correspondentes ao ano de 1958, seriam as *indústrias alimentares* as mais importantes, depois das têxteis. É que o valor de sua produção foi, naquele ano, da ordem de 580 milhões de cruzeiros; e acreditamos que assim seja, na realidade.

Tal tipo de indústria reflete, muito bem, a estrutura econômica do Rio Grande do Norte, uma vez que seus principais produtos derivam da maior riqueza do Estado: a pecuária.

Em 1958, nada menos de 91% do valor dos produtos alimentares corresponderam às *carnes preparadas*, num total superior a 527 milhões de cruzeiros, ocupando as carnes de bovinos lugar de excepcional destaque, conforme pode-se verificar pelas seguintes cifras:

CARNES PREPARADAS	<i>Toneladas</i>	<i>Cr. \$ 1 000</i>
1. De bovinos	9 092	402 332
2. De suínos	1 859	68 930
3. De ovinos	1 008	30 082
4. De caprinos	858	25 864

Em posição bastante secundária aparecem outros produtos, também de origem animal: o *toucinho* (48 milhões de cruzeiros), a *manteiga* (1,9 milhões) e a *banha* (cerca de um milhão).

Todavia, seria necessário acrescentar a produção de *açúcar de cana*, sobre cujo valor o “Anuário” silencia, se bem que mencione a existência de 508 fábricas, com uma produção das usinas de 16.474 toneladas.

Foram os seguintes os principais produtos alimentares do Rio Grande do Norte, em 1958:

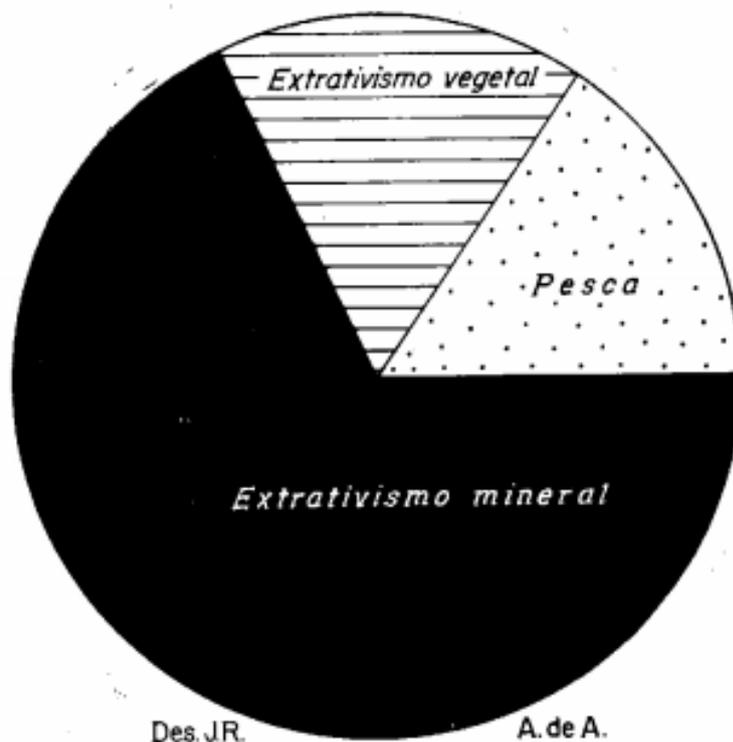
PRODUTOS ALIMENTARES	<i>Toneladas</i>	<i>Cr. \$ 1 000</i>
1. Carnes preparadas	12 817	527 208
2. Toucinho	1 223	48 823
3. Manteiga	24	1 901
4. Banha	15	1 025
5. Salsicharia	6	545

As indústrias secundárias – Fora desses três grupos de indústrias, que são as que maior importância econômica apresentam, merecem referência duas mais, embora modesta, seja sua contribuição: a de couros e as metalúrgicas.

RIO GRANDE DO NORTE

Valor da produção extrativa

1958



Valor da produção extrativa

Cêrca de 68% do valor da produção extrativa do Rio Grande do Norte decorrem do *extrativismo mineral*; neste setôr, a contribuição do sal marinho é da ordem de 50% e a da xilita da ordem de 46%. No *extrativismo vegetal*, a cêra de carnaúba reina soberanamente: 93% do valor global. Na *pesca*, os peixes concorrem com mais de 77% do valor da produção.

A indústria de *couros de bovinos* contribuiu, em 1958, com um valor global de 14,4 milhões de cruzeiros, destacando-se, pelo volume e pelo valor, os couros “verdes”. É o que atesta o seguinte quadro estatístico:

COUROS DE BOVINOS	Toncladas	Cr.\$ 1 000
1. Verde	843	8 109
2. Sêco	200	3 875
3. Salgado	160	2 457

Em relação às indústrias *metalúrgicas*, não dispomos de outros elementos, além dos já citados, referentes a 1957: 10 estabelecimentos, com 83 operários e uma produção de 11,7 milhões de cruzeiros.

A PRODUÇÃO EXTRATIVA

Importância econômica – Em 1958, o valor global da *produção extrativa* do Rio Grande do Norte foi da ordem de 648 milhões de cruzeiros, cifra bastante modesta se comparada com as atividades econômicas já referidas.

Dentro dela, excepcional posição ocupa o *extrativismo mineral*, pois, somente ele, contribuiu com cerca de 68% do valor total da produção.

No entanto, também se destacam, em situação de evidente equilíbrio, duas outras atividades: o *extrativismo vegetal* com um valor da ordem de 105 milhões de cruzeiros; e a *pesca*, com cerca de 103 milhões.

Em 1958, assim se repartiu a produção extrativa potiguar:

PRODUÇÃO EXTRATIVA	Toneladas	Cr.\$ 1 000
1. Extrativismo mineral	602 795	439 870
2. Extrativismo vegetal	4 437	105 159
3. Pesca	5 355	103 011

O extrativismo mineral – O que assegura a importância do extrativismo mineral, no Rio Grande do Norte, – como bem se pode adivinhar – é a produção do *sal marinho*, que nele encontra condições geográficas verdadeiramente privilegiadas. Cerca de 50% do valor total procedem dessa notável riqueza, que o mar, o clima e a topografia litorânea propiciam à economia potiguar, num valor da ordem de 223 milhões de cruzeiros.

A seu lado aparece, porém, em posição de inegável destaque, a extração da *xilita*, o importante minério de tungstênio, que serve para tantas aplicações industriais. Basta dizer que, em 1958, forneceu um contingente no valor de 203 milhões de cruzeiros, vale dizer, cerca de 46% do valor total do extrativismo mineral do Estado.

Diante disso, fácil é concluir que as demais riquezas minerais são de importância muito secundária, destacando-se, entre elas: o *gesso*, o *berilo* e o *mármore*.

Foram os seguintes os mais importantes produtos da atividade extrativa mineral do Rio Grande do Norte, em 1958:

PRODUTOS MINERAIS	Toneladas	Cr.\$ 1 000
1. Sal marinho	550 765	223 059
2. Xilita	2 111	203 080
3. Gesso	45 040	6 764
4. Berilo	286	3 639
5. Mármore	4 590	3 292
6. Mica	3	36

O extrativismo vegetal – No setor das riquezas vegetais norte-rio-grandenses, reina soberanamente a *cera de carnaúba*, já que contribui com 93% do valor global, numa produção da ordem de mais de 98 milhões de cruzeiros.

As demais riquezas aparecem em posição incomparavelmente mais modesta, apenas se destacando a produção da *oiticica*, com um valor pouco superior a 5 milhões de cruzeiros.

PRODUTOS VEGETAIS	Toneladas	Cr.\$ 1 000
1. Cêra de carnaúba	1 573	98 605
2. Oiticica	2 391	5 261
3. Casca de angico	338	634
4. Castanha de cajú	103	266
5. Borracha	18	223
6. Painas	14	180

A pesca – Dentro da produção extrativa, ocupa a *pesca* um lugar comparável ao do extrativismo vegetal; e não poderia ser de outra forma, sabido como piscoso é o Atlântico nas plagas nordestinas e conhecido o destemor de seus intrépidos jangadeiros.

São os *peixes* a maior riqueza pesqueira do Rio Grande do Norte, contribuindo com mais de 77% da produção total, num valor superior a 80 milhões de cruzeiros. Mas os *crustáceos* também se destacam, num valor da ordem de 9 milhões.

Na verdade, em 1958, assim se repartiu a produção pesqueira norte-rio-grandense:

PESCADO	Toneladas	Cr.\$ 1 000
1. Peixes	3 919	80 758
2. Crustáceos	969	9 235
3. Moluscos	21	215
4. Não identificado	446	12 803

V. O SISTEMA VIÁRIO E O COMÉRCIO

Visão de conjunto – Em 1958, dispunha o Rio Grande do Norte de 8.711km de *vias terrestres*, das quais mais de 92% representadas por estradas de rodagem.

Para atender ao tráfego marítimo, conta com três *portos*, dos quais apenas um razoavelmente aparelhado — o de Natal.

As vias terrestres – Representam as *estradas de rodagem* as principais vias terrestres do Estado, num total de 8.073 km, em 1958. Todavia, esse total tem muito de ilusório, pois, naquele ano, somente 104 km eram pavimentados. Mais ainda: cerca de 86% eram estradas municipais, conforme o atesta o seguinte quadro:

	Km
1. Estradas municipais	6 935
2. Estradas federais	736
3. Estradas estaduais	402

Naquele mesmo ano, o total de *veículos motorizados* não ia além de 5719, assim repartidos:

1. Automóveis	2 755
2. Caminhões	1 894
3. Caminhonetas para carga	373
4. Caminhonetas de passageiros	257
5. Ônibus	192

Em território norte-rio-grandense, em 1958, o total de *estradas de ferro* não passava de 638 km. Desse total, nada menos de 402 km pertencem à *Estrada de Ferro Sampaio Corrêa* (a antiga “Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte”), que atinge, com seus trilhos, o coração do Estado e que se entronca, em Nova Cruz, com a “Rede Ferroviária do Nordeste” (a antiga “Great Western”), comunicando-se, assim, com os Estados vizinhos da fachada oriental do Nordeste.

O restante encontra-se no vale do Apodí e é representado pela *Estrada de Ferro Mossoró*, cujos trilhos já se entroncam com os da “Rede de Viação Cearense”, da cidade de Souza (Paraíba).

Os portos e o comércio – O principal porto do Rio Grande do Norte é o de *Natal*, com seus 400 metros de cais acostável e seus 8 guindastes. Em 1958, recebeu 369 navios, com uma tonelagem global de 521.000. Através dele passaram 153.252 toneladas de mercadorias e sua renda bruta foi da ordem de 6,9 milhões de cruzeiros. É o grande mercado do comércio exterior, cujo movimento, em 1958, expressa-se por estas cifras:

	Toneladas	Cr. \$ 1 000
Exportação	5 962	307 878
Importação	61 351	210 659

Além dele, apenas se destacam: *Areia Branca*, escoadouro das riquezas do vale do Apodí, que, em 1958, recebeu 382 navios, num total de 196.000 toneladas, e que exportou, para o exterior, 1.258 toneladas de mercadorias, no valor de 101 milhões de cruzeiros; e *Macau*, escoadouro das riquezas do vale do Açu, que recebeu 258 navios, com 145 toneladas de registro.

É o *comércio de cabotagem* que assegura a importância do comércio marítimo potiguar: em 1958, as *exportações* atingiram um total de 584.589 toneladas, num valor de 1,8 bilhões de cruzeiros; e as *importações* foram da ordem de 85.596 toneladas, num total de 1,1 bilhões de cruzeiros.

Tais cifras, concernentes ao comércio marítimo do Estado, precisam ser completadas, para que se tenha uma ideia da vida comercial norte-rio-grandense. Para isso, torna-se necessário acrescentar que, em 1958, o *giro comercial* foi superior a 6,6 bilhões de cruzeiros.

VISÃO RETROSPECTIVA

Os alicerces da economia potiguar – Depois de tentar realizar uma rápida análise dos aspectos essenciais da estrutura econômica do Rio Grande do Norte, julgamos imprescindível atingir um derradeiro objetivo: através duma visão retrospectiva, procuraremos acentuar os verdadeiros alicerces em que repousa sua vida econômica. E o faremos, agrupando as *fontes de produção* de acordo com seu valor.

As três riquezas basilares – A vida econômica do Estado assenta-se, notadamente, sobre apenas três riquezas, que, reunidas, fornecem-lhe cerca de 55% do valor global da produção.

A primeira e mais importante é a *criação de bovinos*, que, em 1958, contribuiu com quase 2 bilhões de cruzeiros (exatamente 1 989 milhões), vale dizer, 26% do total da produção do Estado.

Em segundo lugar, aparecem as *indústrias têxteis*, cuja contribuição, em 1957, foi da ordem de 1,2 bilhões de cruzeiros.

Finalmente, no terceiro posto, encontra-se a produção de *algodão*, com 854 milhões de cruzeiros, em 1958.

São essas as riquezas basilares do Rio Grande do Norte:

	Cr. \$ 1 000
1. Bovinos (1958)	1 989 710
2. Indústrias têxteis (1957)	1 268 068
3. Algodão (1958)	854 765

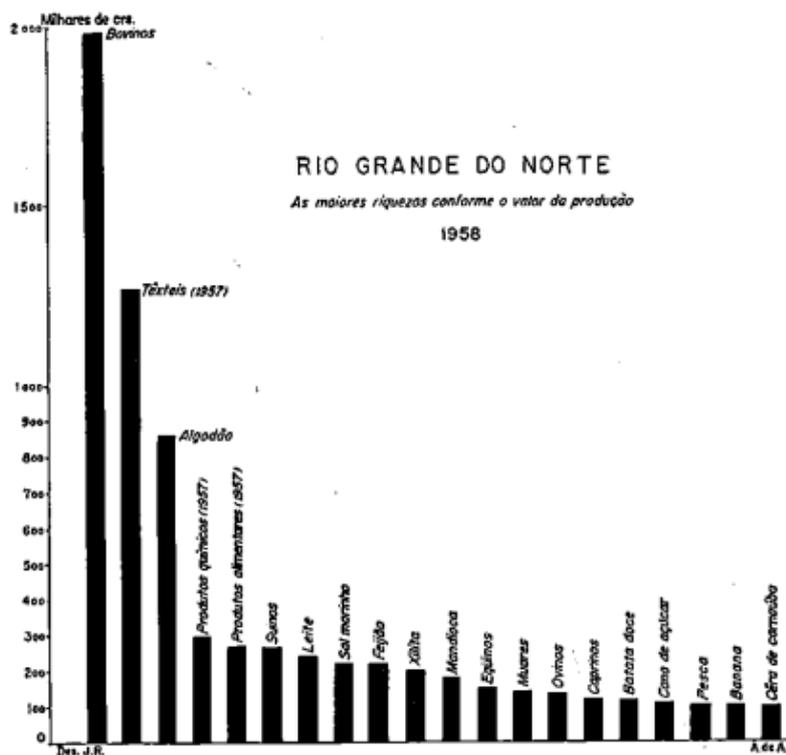
As riquezas secundárias – Cerca de 40% do valor global da produção foram fornecidos, em 1958, por nada menos de 17 produtos, todos com valor inferior a 300 milhões de cruzeiros.

Dentro desse conjunto, é possível distinguir um primeiro grupo, constituído por 7 produtos, com valor superior a 200 milhões e que, englobadamente, concorreu com 23% da produção do Estado. Entre esses produtos, não se registram predominâncias, conforme pode-se constatar:

	Cr. \$ 1 000
1. Produtos químicos (1957)	295 948
2. Produtos alimentares (1957)	271 424
3. Suínos	265 671
4. Leite	240 292
5. Sal marinho	223 039
6. Feijão	222 620
7. Xilita	203 080

O segundo grupo, compreendendo os 10 produtos restantes, com valor inferior a 200 milhões, mas superior a 98 milhões, contribuiu, em 1958, com cerca de 17% do valor global do Estado. Neste caso, também não há predominâncias a registrar:

		Cr. \$ 1 000
1.	Mandioca	177 551
2.	Equínos	149 050
3.	Muarens	141 645
4.	Ovinos	139 167
5.	Caprinos	123 011
6.	Batata doce	122 638
7.	Cana de açúcar	111 694
8.	Pesca	103 011
9.	Banana	101 552
10.	Cêra de carnaúba	98 605



As maiores riquezas do Rio Grande do Norte

A vida econômica do Estado repousa, notadamente, sobre três riquezas: os *bovinos* (26%), os *têxteis* e o *algodão*, que fornecem cerca de 55% do valor global da produção. Nada menos de 17 outros produtos contribuem com cerca de 40%.

Outras riquezas – Os restantes 5% do valor da produção do Rio Grande do Norte procedem de um número avultado de produtos (mais de uma vintena), nenhum deles com valor acima de 80 milhões de cruzeiros, em 1958.

Os seis primeiros apresentam relativo destaque, pois sua produção foi superior a 35 milhões, se encarados de per si. Ei-los:

	<i>Cr. \$ 1 000</i>
1. Milho	75 631
2. Agave ou sisal	75 026
3. Asininos	69 795
4. Galináceos	59 143
5. Ovos	49 734
6. Côco da Bahia	38 546

Os demais produziram, cada qual, menos de 15 milhões cruzeiros:

	<i>Cr. \$ 1 000</i>
1. Couros de bovinos	14 441
2. Produtos metalúrgicos	11 790
3. Arroz	6 799
4. Gesso	6 764
5. Laranja	6 253
6. Abacaxi	6 098
7. Berilo	3 639
8. Mármore	3 292
9. Mamona	1 925
10. Cebola	1 368
11. Fumo	1 186
12. Casca de angico	634
13. Castanha de cajú	266
14. Borracha	223
15. Painas	180
16. Uva	24

PERGUNTAS A RESPONDER

Chegamos ao término da tarefa a que nos propusemos, com o mais vivo e sincero desejo de cooperar. Através de cifras expressivas (cuja validade não temos o direito de pôr em dúvida), analisamos, em seus aspectos essenciais, a produção agropecuária, a produção industrial, a produção extrativa, o sistema viário e o comércio do Rio Grande do Norte e, numa visão retrospectiva, procuramos acentuar os verdadeiros alicerces de sua vida econômica.

Acreditamos haver fornecido um panorama da economia potiguar, naquilo que tem de mais significativo. Não conhecemos o que vem sendo realizado, em prol de seu desenvolvimento, por aqueles que têm o dever e a responsabilidade de fazê-lo. Por isso mesmo, vamos encerrar este despretençioso estudo formulando algumas perguntas. Perguntas que, se respondidas afirmativamente, deixarnos-ão tranquilos e felizes, porque significarão a garantia do crescente progresso da Terra Potiguar.

Perguntas como estas:

1. As três *riquezas basilares* da economia do Estado – os bovinos, os têxteis e o algodão – estarão recebendo o apoio, o estímulo e o incremento a que fazem jus, por sua importância excepcional? Tem-se cogitado em melhorar a qualidade do rebanho de *bovinos*, com o objetivo de aperfeiçoar as raças, aumentar a produção de carne e fornecer mais leite à população? No

setor dos *têxteis*, não haverá possibilidade de aumentar a produção de tecidos, colocada hoje em posição sensivelmente inferior se comparada com as outras atividades dessa indústria? A natureza deu ao Rio Grande do Norte uma importante riqueza natural – o *algodão*; sua expansão tem sido estimulada? novas espécies têm sido plantadas, de molde a oferecer maiores possibilidades à indústria têxtil?

2. Não haverá possibilidade de incrementar, de maneira eficiente, o desenvolvimento das *riquezas secundárias*, cuja contribuição é da ordem de 40% do valor global da produção? De maneira especial, os *produtos alimentares*, a criação de *suínos*, a produção de *leite* e seus derivados, a cultura do *feijão*, da *mandioca* e da *batata doce* (como culturas de subsistência e como culturas comerciais), e a *pesca* – não estarão neste caso?

3. Entre as *riquezas de menor importância econômica*, em número superior a 20, não existirão algumas cuja produção possa vir a ser estimulada, de maneira a duplicar ou triplicar seu valor de produção? Por exemplo: a cultura do *milho* (tão fácil e tão útil), do *arroz* (mediante irrigação), do *fumo* e da *cebola* (que tanto aprecia as terras secas e arenosas), a criação de *galináceos*, a produção de *ovos* (alimento de tão alto valor nutritivo) e a cultura da *mamona* (capaz de estimular o aparecimento de novas indústrias) – não estarão neste caso?

4. Não existirão, porventura, *outras riquezas agrícolas* a acrescentar às já existentes, adaptáveis às condições ecológicas do Estado e capazes de encontrar o indispensável mercado de consumo interno? O problema teria sido objeto de cogitações?

5. Tem merecido a *produção agropecuária* o apoio financeiro, de que necessita para seu desenvolvimento, e a orientação racional e científica indispensável para a constante melhoria de seus produtos?

6. Tem recebido a *produção industrial* idêntico apoio, para que possa progredir? E o *extrativismo*, mineral, vegetal ou animal?

7. Não haverá possibilidades de multiplicar a rede de *estradas de rodagem*, e de melhorar as existentes, dentro de um plano racional, que atenda os centros produtores e os de consumo e ponha em contato os principais centros urbanos, sem outras injunções que não sejam as da valorização econômica? Têm sido devidamente aproveitadas as excepcionais facilidades oferecidas, neste particular, pela natureza do clima e pelas características da topografia?

8. Já se teria cogitado, de maneira prática e objetiva, em realizar a ligação ferroviária da *E. F. Sampaio Corrêa* com a *E. F. Mossoró*, de maneira a unir, pelos trilhos, o Oriente e o Ocidente do Estado? Tal ligação, uma vez efetivada e completada por estradas de rodagem e eventuais ramais, tornar-se-ia, certamente, o eixo viário em torno do qual passaria a girar a economia da hinterlândia potiguar.

9. Tem merecido a *organização portuária* a indispensável atenção, para que, devidamente aparelhada, possa incrementar o comércio marítimo? Que já foi feito em prol da melhoria dos dois grandes escoadouros da riqueza salinera – Areia Branca e Macau?

10. Já se cogitou da elaboração de um *plano de desenvolvimento econômico* do Estado, capaz de abranger todas suas principais fontes de produção, modesto mas exequível, a ser

realizado através da harmónica conjugação dos recursos estaduais e municipais, como dos que puderem ser obtidos de particulares?

São perguntas objetivas, feitas com a melhor das intenções, formuladas por um estudioso da Geografia brasileira e endereçadas aos responsáveis pelos destinos da terra e do povo do Rio Grande do Norte.